

# A leitura crítica da Bíblia

## The critical reading of the Bible

## La lectura crítica de la Biblia

José Ademar Kaefér\*

Submetido em: 1-4-2021

Aceito em: 7-6-2021

\* Professor titular de AT do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião - UMESP.  
E-mail: jademarkaefér@gmail.com



### RESUMO

Este artigo versa sobre a leitura crítica da Bíblia. Para esta prática, é essencial a capacidade de se estabelecer perguntas ao texto. Perguntas possibilitam respostas, que ampliam o horizonte do conhecimento. O conhecimento possibilita colocar o texto bíblico em contato e em diálogo com o entorno cultural que participou da constituição do conteúdo do próprio texto. O exercício da leitura crítica deve se estender também à exegese e ao que se convencionou chamar de “arqueologia bíblica”, ciências essenciais para a análise aprofundada do texto bíblico. A leitura crítica da Bíblia, por fim, levará à prática da leitura crítica da sociedade e vice-versa.

**Palavras-chave:** Leitura crítica; Bíblia; interação cultural; diálogo; pastoral.

### ABSTRACT

This article deals about critical reading of the Bible. For this exercise is essential the capacity to ask questions to the biblical text. Questions enable answers, which enlarge the horizon of knowledge. Knowledge makes it possible to put the biblical text in contact and in dialogue with the cultural environment that participated in the constitution of the content of the text itself. The exercise of critical reading must also to be extend to exegesis and to what is conventionally called “biblical archaeology,” essential sciences for the in-depth analysis of the biblical text. Critical reading of the Bible, finally, will lead to a practice of critical reading of society and vice versa.

**Keywords:** Critical reading; Bible; cultural interaction; Dialogue; pastoral.

### RESUMEN

Este artículo trata sobre la lectura crítica de la Biblia. Para esta práctica, la capacidad de plantear preguntas al texto es fundamental. Las preguntas permiten respuestas que amplían el horizonte del conocimiento. El conocimiento permite poner el texto bíblico en contacto y diálogo con el entorno cultural el cual participó de la constitución del contenido del propio texto. El ejercicio de la lectura crítica debe extenderse también a la exégesis y lo que convencionalmente se denomina “arqueología bíblica”, ciencias imprescindibles para el análisis en profundidad del texto bíblico. La lectura crítica de la Biblia, finalmente, conducirá a la práctica de la lectura crítica de la sociedad y viceversa.

**Palabras clave:** Lectura crítica; Biblia; interacción cultural; diálogo; pastoral.

## Introdução

Este artigo foi escrito fundamentalmente para graduandos, para iniciantes ao estudo bíblico. Ainda que também possa ser útil para estudantes

da pós-graduação; contudo, neste nível se supõe que já se domine o que aqui será apresentado. Basicamente se pretende mostrar a importância de se fazer uma leitura crítica da Bíblia, da exegese e da denominada “arqueologia bíblica”. Esta atitude possibilitará ao estudante a capacidade de dialogar com as culturas e religiões de outros povos, que ajudaram a constituir a cultura e religião dos povos da Bíblia. Ela irá ajudar, assim, a ampliar a visão do/da estudioso/a a respeito do conteúdo bíblico, bem como da sua própria crença. Ela também mudará o comportamento do/da agente de pastoral na hora de passar este conhecimento para o povo na comunidade eclesial. E, por fim, a leitura crítica da Bíblia ajudará a fazer uma leitura crítica também da sociedade, em especial das informações/desinformações que diariamente são veiculadas pelas redes sociais.

## **O mundo das *fake news* e a falta de senso crítico**

Em questão de dois ou três anos atrás, não se conhecia a expressão *fake news* em nosso país. Hoje, em tão pouco tempo, ela é praticamente conhecida em cada rincão brasileiro. Apesar de já ser usada desde o século passado, ela se tornou popular só nestes últimos anos.

*Fake news* é uma expressão da língua inglesa e significa “notícias falsas”. É uma pena que essas expressões sempre cheguem até nós em língua estrangeira e não sejam divulgadas na versão portuguesa. A expressão *fake news* criou força, quase se poderia dizer que ela nasceu, num ambiente de campanha política. Primeiro nos EUA, na campanha eleitoral de 2016, e depois se espalhou pelo mundo, com forte crescimento no fértil solo brasileiro, um dos países que mais tem disparado *fake news*. Não por acaso, Estados Unidos e Brasil foram os dois países que tiveram o maior número de vítimas no mundo, tanto do coronavírus quanto do *fake news-virus*.

Ainda que as *fake news* possam ter finalidades diversas, elas têm estreita ligação com interesses políticos obscuros. Foi assim, com esse fim, que a expressão *fake news* se tornou popular, para disseminar desinformações políticas. Políticos populistas, mal-intencionados, descobriram a força das redes sociais para fazer propaganda política e divulgar qualquer informação como se fosse verdadeira. Como as redes sociais não têm filtro, elas se tornaram um veículo perfeito para esta finalidade. Por trás estão grupos e empresas especializadas, muito bem organizados, com a capacidade técnica de fazer a leitura das características e valores, muitas vezes religiosos, de pessoas ou grupos regionais e, a partir dessa leitura, produzir “informações” direcionadas especificamente para esses grupos. É um trabalho de profissionais, cujo

resultado é extremamente favorável a eles. De forma que toda notícia, desde que bem apresentada, passa por verdadeira. Descobriu-se a força dos grupos de *whatsapp* para informar e, principalmente, para desinformar. Assim, redes sociais e *fake news* se tornam parceiras, com uma ligação muito estreita.

Portanto, hoje, com o pleno acesso às redes sociais, mais do que nunca na história, é fundamental ter senso crítico na hora de receber e ler uma informação. E, só em último caso, quando assegurada a veracidade da informação, reenviá-la. Do contrário, corre-se o risco de ser cúmplice dos males que aquela desinformação pode causar. Cúmplice por ingenuidade. Faz-se necessário, portanto, avaliar o conteúdo sob diversos ângulos. Não é só porque o teor da informação reafirma os valores nos quais eu acredito, que ele é verídico. As *fake news* levam as pessoas a viverem uma falsa realidade, uma realidade virtual, que existe apenas nas redes sociais. Ainda que eu concorde com o conteúdo que recebo, devo sempre perguntar: De onde vem? Qual é a fonte? Quem é o autor? É verídico? Onde está? Posso ver? Qual é a intenção por trás da mensagem? O que dizem os outros meios de comunicação a respeito? Não faz mal questionar. Ao contrário, faz bem e é correto fazê-lo.

O que se expôs acima revela que a falta de senso crítico pode ter consequências sérias para a vida em sociedade. Uma pessoa, um líder, hábil na arte de enganar, pode facilmente fazer uso desta limitação e conduzir toda uma nação ao caos. Isso de igual forma se aplica à interpretação bíblica. Quando toda uma assembleia sempre diz amém a tudo o que uma pessoa, uma liderança, diz ou faz (inclusive a esta que vos escreve), sem o mínimo de senso crítico, ela facilmente pode ser levada à deriva.

## **A leitura crítica da Bíblia**

A Bíblia tem como objetivo central falar de Deus. Ou seja, contar como Deus agiu e age na história do seu povo. Portanto, a preocupação da Bíblia não é fazer história, mas teologia. Ela usa a história para falar de Deus. A sua preocupação central é ensinar como Deus (Javé) é e o que faz. Ou seja, a Bíblia atua muito no campo ideológico/religioso. Por isso, não é possível ler a Bíblia ao pé da letra, como se tudo o que ela fala dos acontecimentos passados tivesse ocorrido exatamente assim. Evidentemente que a Bíblia também faz história, mas este não é o seu foco principal. Além disso, há que se considerar sempre a distância histórica entre os acontecimentos que a Bíblia relata e a época em que esses fatos foram escritos. A distância costuma ser grande, em muitos casos uma distância de séculos. Aqui, é pertinente aplicar o método da leitura regressiva da Bíblia (cf. KAEFER, 2016, p. 22-23).

É certo que a memória oral tem um papel relevante na transmissão dos fatos. Porém, ela só pode ser considerada em termos genéricos, sem a precisão dos fatos. Neste particular, são importantes as etiologias das lendas, tradições, contos etc.; a toponímia, nome de lugares, de montanhas, cidades etc.; a antroponímia, nome dos ancestrais, de heróis etc. Só que aí já entramos no campo da exegese, que é um passo bem mais avançado da pesquisa. De modo que é imprescindível fazer sempre uma leitura crítica da Bíblia.

A leitura crítica da Bíblia se restringe, basicamente, a fazer perguntas ao texto bíblico e aos resultados alcançados. Só isso. A questão é que fazer perguntas leva, frequentemente, a respostas inesperadas, que, por sua vez, levam a novas perguntas. Fecha-se uma porta, mas outras muitas são abertas. Nunca há uma resposta definitiva. É assim que se adquire conhecimento. Não se deve ter receio em fazer perguntas. Não pensar que, por ser Palavra de Deus, eu não devo questionar ou que não seja correto fazê-lo. Isso não é atitude de uma pessoa que crê. Quem crê, quer conhecer melhor aquilo no que crê. Quer conhecer melhor o seu Deus. E isso só é possível por meio de perguntas.

Quando se estuda a Bíblia de forma crítica, com “os pés no chão”, buscando entender o contexto histórico que gerou o texto, o entorno cultural que influenciou na formação religiosa que o texto transmite, que Deus transparece no texto, que sociedade transparece no texto etc., aí surgem muitas novidades interessantes. Novidades que mudam a compreensão do texto, tornam-no mais realista e o próprio Deus da Bíblia fica mais próximo, mais simples, mais acessível (MESTERS, 2012).

Ao fazer esse processo, pouco a pouco o/a estudante vai percebendo que ele/ela vai se tornando um/uma biblista. Cria, assim, uma certa autonomia acerca da interpretação do texto. Ele/ela já não depende tanto do que os outros dizem. Ele/ela já é capaz de analisar sozinho/a o texto. Quando o estudante atinge este estágio, aí não tem mais volta. Ou seja, ele/ela começa o longo caminho do estudo crítico da Bíblia. Um caminho que não tem mais fim. Isto é, ele/ela não consegue mais se desfazer da forma e do conhecimento adquirido. Aí começa a empolgação, a paixão pelo estudo bíblico, que não acaba mais.

## **Uma exegese e uma arqueologia críticas**

A leitura crítica da Bíblia também é indispensável na exegese. Não basta simplesmente aplicar um método ao fazer exegese. É preciso um olhar crítico, cauteloso, questionador. O exegeta e a exegeta precisam sempre buscar se posicionar com relativa distância diante do texto, sem deixar que sua

crença, seus princípios, influenciem na análise do texto bíblico. Ainda que isso não seja plenamente possível, o esforço em tentar fazê-lo já representará um avanço no resultado final da exegese. A inquirição precisa ser uma companheira constante do/da exegeta. Sem um posicionamento crítico do/da exegeta diante do texto, pode-se comprometer o resultado da exegese. Se não houver uma leitura crítica do texto, a exegese pode levar a conclusões fundamentalistas, que não contribuem para o estudo sério do texto (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 1994). É preciso sair do seu casulo hermenêutico. De modo que também os resultados precisam ser questionados. É preciso estabelecer perguntas também aos resultados, praticar o exercício da autoavaliação. O exegeta que não faz ou não sabe fazer perguntas, nunca será autônomo na análise do texto, sempre irá depender do que os outros dizem. Nunca chega a ser exegeta de fato.

O mesmo se aplica à arqueologia, especificamente ao que se denomina “arqueologia bíblica”. Ainda que a arqueologia seja uma ciência que lida com a cultura material, diferente do estudo bíblico, que é fundamentalmente teórico, ela também depende do olhar crítico do arqueólogo ao analisar o resultado de suas escavações. Além do método que deve ser essencialmente crítico, os resultados, a leitura dos artefatos encontrados etc., precisam ser acompanhados de uma profunda análise crítica. A história tem mostrado isso. A partir dos anos 1980-1990, surge um movimento que se caracteriza pela leitura crítica das descobertas arqueológicas. Uma arqueologia crítica, independente, sem se deixar influenciar *a priori* pelos conhecimentos bíblicos (FINDELSTEIN; SILBERMAN, 2018). Os resultados desta leitura têm mudado enormemente a compreensão da história de Israel narrada na Bíblia. A análise crítica da arqueologia não tem a pretensão de desconstruir o que a Bíblia relata, mas de olhar a Bíblia sob o olhar das evidências arqueológicas e não vice-versa.

## **Processo histórico de longa duração**

Assim como a Bíblia não pertence a ninguém, também ninguém tem a verdade única e definitiva. O saber é sempre uma construção coletiva. É na cultura do outro que eu conheço a minha. É na religião do outro que eu conheço a minha. É na fé do outro que conheço a minha. Para tanto, é primordial a abertura constante ao diálogo. E este só existe quando estou disposto a mudar de opinião. O diálogo só existe se eu considero a possibilidade de estar errado. Do contrário, será um monólogo. Uma pessoa sensata é aquela que, diante das evidências, é capaz de mudar de opinião. Este é um princípio básico para o desenvolvimento intelectual e humano de toda pessoa. Portan-

to, na busca por qualquer saber, seja ele religioso, político etc., é essencial a abertura ao diálogo, a abertura à mudança. Ou seja, para conhecer a cultura, a história, a religião narrada na Bíblia, eu preciso olhar para seu entorno, para a cultura dos povos vizinhos, que influenciaram na formação da cultura bíblica. A leitura crítica da Bíblia pressupõe, exige uma postura de abertura a outras possibilidades, em especial a outras culturas. Desta forma se abre e se amplia o panorama da vista do pesquisador e da pesquisadora. Ou seja, não basta ter uma visão crítica da Bíblia, é necessário também que se faça, que se permita, uma leitura bíblica a partir de outras fontes de conhecimento.

Para esta atitude, é relevante considerar os processos históricos de longa duração (BRAUDEL, 1995). Esta teoria metodológica está construída sobre o conceito de que os eventos históricos estão entrelaçados e são interdependentes. Nenhum evento histórico pode ser estudado e compreendido por si só. Assim também a religião, todas as religiões ou fenômenos religiosos. Assim também a história do povo de Israel, seu surgimento e sua formação. Tudo o que compreende a cultura, a história e a religião de Israel está entrelaçado com a cultura, a história e a religião dos povos vizinhos de Israel. Ou, para ser mais exato, com a cultura, a história e a religião de todo antigo Oriente Próximo. Fazer a leitura da história do povo de Israel sob este prisma ainda é um longo desafio para o estudo sério da Bíblia. Seus resultados, com muita probabilidade, mudarão o que se entende hoje por religião de Israel. Isso será, sem dúvida, um fascinante desafio.<sup>1</sup>

## **Da academia à pastoral**

Uma das primeiras atitudes do/da estudante de Bíblia é querer passar o conhecimento adquirido para adiante, para os outros. Isso é uma atitude normal e louvável, e acontece com frequência na pastoral, na comunidade, na Igreja... Quando vai da faculdade à comunidade, o/a estudante de Bíblia quer ensinar o que aprendeu. E, às vezes, acontece de ele/ela chegar e “despejar” seu conhecimento sobre os membros da comunidade de forma abrupta. Deve-se ter cuidado ao se falar dos novos conhecimentos bíblicos ao povo. Esse é um momento delicado e de certa complexidade, tanto que se deveria pensar em criar uma disciplina só para este fim. Antes de tudo, é preciso ter sensibilidade. Por quê? Porque, muitas vezes, as pessoas não estão preparadas, não fizeram o mesmo processo, de estudar o texto, que o estudante fez. Um processo que levou tempo. É muito comum que a reação das pessoas diante

---

<sup>1</sup> Penso aqui, principalmente, sobre a influência que a cultura, mitos e ritos de Ugarit, bem como de todo o norte da Mesopotâmia, tiveram sobre a formação da cultura religiosa de Israel.

de certas afirmações feitas seja de espanto, de constrangimento. Por isso, há que se ter cuidado, ter respeito pela fé das pessoas. O resultado será muito mais positivo se esse conhecimento acontece em um grupo de estudo. No grupo e em grupo, com tempo, é o melhor lugar para se estudar a Bíblia. E ali, no grupo de estudo, a principal tarefa do/da agente da Palavra é ajudar as pessoas a fazerem perguntas ao texto. As mesmas que ele/ela aprendeu a fazer na faculdade, no curso bíblico. E deixar que as pessoas mesmas respondam. No fundo, é a velha e sempre atual maiêutica socrática, muito bem adaptada e empregada por um conhecido e famoso pedagogo do nosso tempo, Paulo Freire (2013): ajudar o indivíduo a desenvolver e a externar o saber que está em seu interior. O bom biblista é aquele/aquela que faz o papel da parteira. Ela, a parteira, não dá à luz, mas ajuda a mãe a dar à luz ao/à filho/filha. Assim também, o agente da Palavra deve ajudar o aprendiz a dar à luz ao seu saber. Quando a pessoa mesma descobre as respostas, a partir das perguntas feitas ao texto, ela entende, assimila e aceita. Quando as respostas são dadas pelo agente (biblista), sem o devido cuidado, é comum acontecer o contrário.

E estudar a Bíblia em comunidade, em grupo, é fundamental para o crescimento, tanto do membro/participante, quanto da própria Igreja. Porque a Bíblia foi feita em comunidade, em mutirão (MESTERS, 1993). Só assim a pessoa se torna realmente partícipe da Igreja. Quem não estuda, não participa; só ouve, não reflete, não opina, não questiona, não contribui, não ajuda a pensar a Igreja. Evidentemente que isso também irá causar divergências dentro da comunidade eclesial, pois, quando há várias cabeças pensantes, é normal e é saudável para a Igreja. O preocupante é quando isso não ocorre. É assim que se constrói uma sociedade mais justa, mais fraterna, que a Bíblia chama de Reino de Deus. Aliás, esta é a meta que perpassa toda a Bíblia, do início ao fim, a busca constante por construir um mundo melhor, mais humano, mais fraterno e solidário, não lá fora, nos céus, mas aqui, em nosso mundo.

Portanto, quando falamos de Deus ou em nome de Deus, devemos tomar muito cuidado. É muito fácil usar o nome de Deus para defender os nossos próprios interesses e ideais. O/a pastor/pastora, o padre, o religioso/religiosa, quando está falando do púlpito de uma Igreja, tem um poder muito grande. E, portanto, também uma responsabilidade muito grande.

Por fim, é importante que fique claro que a leitura crítica não visa simplesmente desconstruir a narrativa bíblica e deixar por isso. Ou seja, no linguajar popular, “bagunçar a Bíblia”. Ainda que às vezes seja necessário desconstruir certas interpretações, essa desconstrução deve ser sempre positiva (POLLARD, 1997), no intuito de compreender melhor o que a Bíblia quer

nos transmitir, principalmente no que diz respeito à sua interdependência com outras culturas. A leitura crítica representa a busca por entender a Bíblia sob diferentes prismas, sem ter temor diante do que as outras ciências podem auxiliar a desvelar.

## **Conclusão**

A leitura crítica da Bíblia se resume, fundamentalmente, em estabelecer perguntas ao texto bíblico, quanto à sua composição, seu contexto histórico, sua ideologia etc. É saudável fazer perguntas ao texto. Não há que se ter receio. É assim que se constrói o saber. A leitura crítica da Bíblia também deve ser companheira constante no exercício da exegese. O exegeta que não é capaz de fazer a leitura crítica do texto bíblico e dos resultados alcançados de sua exegese nunca se tornará autônomo, sempre vai depender de outros. Não chegará a ser exegeta de fato. Será apenas um especialista na arte de empregar métodos. Também a chamada “arqueologia bíblica” precisa passar por este processo da leitura crítica, tanto dos seus métodos quanto dos seus resultados. E isso já vem acontecendo nas recentes décadas e os resultados são promissores.

A leitura crítica da Bíblia amplia os horizontes da compreensão bíblica. Ajuda o/a estudante a olhar para o entorno da cultura bíblica, para a cultura dos povos vizinhos. Ali, ele/ela vai perceber que a história e a cultura dos povos estão entrelaçadas, são interdependentes. É o que se convencionou chamar de processos de longa duração. O olhar crítico, amplo, aberto conduz o/a estudioso/a à capacidade de dialogar sem temor com outras culturas, outras religiões, no intuito de conhecer melhor a sua própria.

Todo esse aprendizado irá mudar também o conceito de atuar na pastoral, quando o/a aprendiz vai buscar passar o seu conhecimento para o povo da comunidade eclesial. Também ali é aconselhável que as pessoas façam o mesmo processo de aprendizado. Que elas mesmas tomem o texto bíblico em suas mãos e sejam sujeitas do seu aprendizado. O papel do/da agente de pastoral será apenas o de auxiliar a ler e a estabelecer perguntas ao texto, sem dar respostas prontas. Por fim, a leitura crítica da Bíblia deve levar o indivíduo a também fazer uma leitura crítica da sociedade, em particular das informações ou desinformações que recebe.



## Referências bibliográficas

- BRAUDEL, Fernand. *The Mediterranean and the Mediterranean World in the Age of Philip II*, Vol. I. Los Angeles: University of California Press, 1995.
- FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Asher. *A Bíblia desenterrada. A nova visão arqueológica do antigo Israel e das origens dos seus textos sagrados*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- FREIRE, Paulo. *A pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- KAEFER, José Ademar. *A Bíblia, a arqueologia e a história de Israel e Judá*. São Paulo: Paulus, 2015.
- MESTERS, Carlos. *A Bíblia feita em mutirão*. São Paulo: Paulus, 1993.
- MESTERS, Carlos. *Por trás das palavras: um estudo sobre a porta de entrada no mundo da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- POLLARD, Nick. *Evangelism made slightly less difficult: how to interest people who aren't interested*. Illinois: Inter-Varsity Press, 1997.
- PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja* [134]. São Paulo: Paulinas, 1994.